

DEUS

RAVI ZACHARIAS

O
GRANDE
TECELÃO



Como Deus nos molda por meio
dos acontecimentos da vida

tradução
Sueli Saraiva

Shedd
publicações

*Para Sarah, Naomi e Nathan: nossos filhos amados.
Três belas tapeçarias tecidas por Deus.
Sejam vitoriosos, queridos.*



Introdução

Dentre os milhares de cartas que recebo a cada ano, muitas enviadas por céticos, sobressaiu-se uma, recém-chegada. O remetente apenas perguntou: “Por que Deus torna tão difícil crer nele? Se eu amasse alguém e possuísse poder infinito, eu o usaria para me apresentar da maneira mais evidente. Por que Deus torna tão difícil sentir sua presença e seus planos?”.

Esta é uma pergunta legítima e recorrente. Os teólogos se referem a ela como “a ocultação de Deus”. O cético usa termos mais fortes, referindo-se a ele como o Deus que se esconde e não nos deixa qualquer sinal visível de sua existência.

Como podemos encontrar algum sentido ao lidar com essa dificuldade? Alguém poderia negar o desejo sincero de receber uma “visita” periódica de Deus, ou alguma evidência tangível de sua existência? E quem, dentre nós, não gostaria de conhecer seus planos?

Por mais vigorosa que *pareça* a pergunta, afirmo que em nossas respostas devemos lembrar ao questionador que talvez, apenas talvez, a pergunta não tenha sido bem ponderada. Por exemplo, com que frequência gostaríamos que Deus se revelasse: uma vez por dia? Toda vez que houver uma emergência? Gostaríamos de ouvir uma voz dizendo esporadicamente: “Confie em mim”? O

interessante sobre esse pedido é que alguns *viram* a presença de Deus, alguns *ouviram* sua voz, e, mesmo assim, não lhes foi mais fácil acreditar. O fato é que sempre pedirão evidências a quem afirmar ser todo-poderoso.

João Batista, que apresentou Cristo ao mundo, viu muitos milagres. Apesar disso, ao ser preso, perguntou a si mesmo se Jesus era de fato quem dizia ser. É evidente que ele pensou: “Se Jesus é mesmo o Cristo, por que permite que eu apodreça na prisão?”. Pedro teve a mais surpreendente revelação concedida aos olhos humanos quando, no topo da montanha, presenciou a transfiguração de Jesus. Ele se sentiu tão prostrado que não queria mais descer. Mesmo assim, não muito tempo depois, quando Jesus foi preso e estava a caminho da cruz, Pedro negou conhecê-lo.

CINISMO OU APOGEU?

Sempre queremos saber como uma história termina, não é mesmo? Caso contrário, sentimo-nos enganados. Um súbito desapontamento ou um acontecimento inesperado destrói tudo em que acreditamos? A decepção é um sinal antes da curva ou o fim da linha para nós? Levando a questão adiante: o fim da vida é a coisa mais aterrorizante com a qual nos defrontaremos, ou é uma longa jornada noite adentro? Se nosso juízo depender do vemos ou ouvimos, honestamente, seria difícil evitar o cinismo a respeito da vida. Muitas e muitas vezes, quando algo terrível acontece, exclamamos: “É a vida!”, como se o desapontamento e o desgosto perfizessem a soma total da existência.

Deixamos de contemplar as rosas quando reparamos apenas nos espinhos. Acostumamo-nos ao calor do sol e nos deprimimos por chover ou nevar demais. Ignoramos os sons da vida no berçário pela preocupação com os sons das sirenes em resposta à emergência. Esquecemo-nos da maravilha do casamento resistente à prova do tempo por nos sentirmos desencorajados pelo desgosto do casamento malsucedido de pessoas queridas.

Na peça *Long Day's Journey into Night* [Longa jornada noite adentro], Eugene O'Neill faz uma de suas personagens proferir uma poderosa declaração relacionada ao fim de sua vida:

Nenhum de nós pode mudar o que a vida fez conosco. Todos os acontecimentos se sucedem antes que os percebamos e, tão logo ocorram, eles nos levam a fazer outras coisas até que, por fim, tudo se interpõe entre nós e o que gostaríamos de ser, fazendo-nos perder a essência verdadeira para sempre.¹

Quem de nós não flertou com o desespero refletido nessas sensatas linhas? Somos realmente parte de um jogo de cartas marcadas como num truque de mágica, na direção de um final prefixado? É apenas uma ilusão achar que jogamos segundo nossa vontade?

Devemos reconhecer que a intervenção divina não é nem de longe algo tão simples como poderíamos imaginar. Porque, para nos amparar e nos dar poder duradouro — para nos ajudar a permanecer firmes e ver a mão de Deus em cada etapa da vida —, ela precisa ser bastante diferente do que costumeiramente recomendamos para nós mesmos. Ela não pode ser apenas uma jornada de bênçãos inequívocas e um caminho de tranquilidade. Para permitir que Deus seja Deus, devemos segui-lo por quem ele é e pelos seus propósitos, e não pelo que queremos ou preferimos. Este livro trata do reconhecimento dos desígnios da mão de Deus e de sua intervenção em nossa vida, sabendo que ele tem um propósito específico para cada um de nós e que nos guiará até o momento em que o encontraremos face a face e nos conheçamos por inteiro.

UMA FACE INUSITADA

Há alguns anos, eu estava pregando na África do Sul e me sentia satisfeito por estar lá durante uma importante partida de críquete entre a África do Sul e as Antilhas. O dirigente do time da África do Sul veio a uma de minhas preleções e me ofereceu

lugares próximos aos bancos dos jogadores. Eu me diverti muito. Enquanto conversávamos, ele me falou de sua fé recente em Jesus Cristo.

“Aconteceu de um modo muito estranho”, ele disse. Explicou que havia sido um cético convicto durante a maior parte de sua vida, sendo bastante hostil em relação a quem sustentasse qualquer crença em Deus. Então, na manhã de um domingo de Páscoa, enquanto descansava em sua piscina, ouviu os sons de hinos pascais proclamando a ressurreição de Jesus, que vinham de uma televisão no interior da casa. Isso o irritou. Até que num certo momento, com uma cerveja na mão, ele resmungou: “Se você é realmente quem diz ser”, ele ordenou, “mostre-se para mim”. Foi tudo o que disse — na verdade, um tanto sarcástico.

Menos de meia hora depois, enquanto olhava para a piscina, ele teve a impressão de ver as formas da face de Jesus, como retratada em pinturas famosas, ondulando na superfície da água, aparecendo e depois desaparecendo. No início, ele ficou surpreso. Em seguida, simplesmente a ignorou, imaginando que havia consumido cerveja demais.

Quando acordou na manhã seguinte, já havia quase se esquecido da experiência. Porém, ao caminhar em direção ao banheiro, você não acredita, lá estava a face de novo, de alguma forma gravada na pintura da porta. Nesse momento, o fenômeno de fato lhe prendeu a atenção. Durante a próxima hora, enquanto se preparava para o trabalho, ele viu a mesma imagem nas portas de três diferentes quartos, formando de repente a face de Cristo — como as peças de um quebra-cabeça encadeadas numa sequência temporal. Ele quase tinha medo de olhar outras portas. Esse acontecimento era tudo o que precisava. Sua vida se modificou, e ele passou a acreditar que Deus sabia que isso o estava levando para o seu lado.

Perto do final de nossa conversa, quase de forma inesperada, ele disse algo que de fato atçou minha curiosidade: “Aqueles ima-

gens continuam tão visíveis nas portas hoje quanto antes”. “Você pode vê-las *hoje?*”, perguntei. “Sim. Você gostaria de me visitar esta semana?”.

Aceitei imediatamente. Conversar sobre críquete e ver um milagre ao mesmo tempo? Para mim seria a evidência mais dramática da intervenção de Deus que eu poderia desejar. Foi o que eu lhe disse, com os olhos brilhando e, naturalmente, sem muita seriedade. Marcamos a data para que eu e minha esposa jantássemos em sua casa. Eu mal podia esperar.

Quando enfim o dia chegou, depois das cortesias iniciais, eu disse: “Posso ver aquelas imagens nas portas agora?”. Ele me levou com prazer até o quarto e me mostrou o ponto em que havia visto a imagem pela primeira vez. Devo admitir que tão logo cheguei, um olhar para a pintura na madeira me revelou exatamente o que ele estava apontando. “Uau!”, eu disse, ”consigo ver a imagem”. Fixei os olhos uma e outra vez, e pude perceber porque um homem que queria um sinal não poderia perder semelhante pista. Em seguida, visitamos o outro cômodo. Lá precisei virar a cabeça de um lado para outro até conseguir ver alguma imagem. A segunda parecia meio indistinta e não muito convincente. Depois, a terceira: um pouco melhor que a segunda, mas não tão clara quanto a primeira. Questionei-me sobre seu poder empírico e depois saí, apenas mais ou menos convencido.

Passamos uma tarde maravilhosa, ele nos contando de sua vida e de seus amores. Quando parti, eu me perguntei: “O que havia na textura da madeira? Será que, de alguma forma, se você olhar para lá durante um longo tempo, ela se parecerá com uma face?”. Algo como procurar um código numérico em cada palavra que você lê? Ou seria realmente possível que Deus, em sua misericórdia, se relacionasse com alguns de nós de maneira individual, de modo que os meios podem variar, mas o fim é a mesmo — um encontro divino e imediato, trazendo convicção para a nossa alma de que Deus está perto?

DIFERENTE PARA CADA UM

Ao longo da história, as pessoas têm vindo a Deus por meio de diferentes experiências, mas no final das contas elas percebem a mão habilidosa que molda sua vida e circunstâncias. E isso lhes bastava. Elas confiavam em Deus de modo incondicional, sem precisar de constante “milagre” para manter sua fé vibrante.

Para mim, os últimos anos têm sido mais uma jornada intelectual que uma projeção material. De qualquer modo, essa última vem ocorrendo, mas tenho visto intervenções de Deus o suficiente para me deixar tranquilo com o seu plano e propósito em minha vida. Algumas vezes pensei que ele estivesse calado, agora vejo que não era bem assim. De vez em quando achei que ele estava ausente, hoje sei que Deus estava lá. Ele tem gentilmente, mas de forma inconfundível, me mostrado, tanto pelo argumento quanto pela experiência, que se encontra muito próximo e ativo.

Acredito que Deus intervém na vida *de cada um de nós*. Ele nos fala de modos, e em momentos, diferentes; por isso podemos saber que ele é o autor da nossa própria personalidade. E quer que saibamos de seu chamado para cada um de nós, planejado para atender as particularidades de cada indivíduo. É por esse motivo que João, Pedro e vários outros, por fim, pagaram, de todo o coração, o preço final, mesmo quando procuravam o poder e a presença de Deus naquelas “noites escuras da alma”.² Na verdade, credito a Deus mais circunstâncias em nossa vida do que em geral paramos para pensar. Podemos não compreender inteiramente seu desígnio da forma em que se apresenta, mas não devemos concluir que lhe falte um plano diretor.

BELEZA ARREBATADORA

Com os olhos da mente, vejo um edifício de aparência modesta na cidade de Varanasi, ao norte da Índia. Os que leram minha jornada autobiográfica *Walking from East to West* [Andando do Leste para o Oeste] se recordarão desse exemplo. De fato recebi tantas cartas sobre ele que decidi colocá-lo no início deste trabalho.

Varanasi talvez seja mais famosa como o centro do hinduísmo, pois através da cidade corre o sagrado rio Ganges. Mas também possui uma merecida reputação por produzir os espetaculares e surpreendentes sáris que toda noiva no norte da Índia deseja usar no dia do casamento. Havendo participado de vários casamentos quando vivia em Déli, recordo-me bem de admirar essas magníficas obras de arte. As cores espetaculares praticamente explodem: surgem vermelhos que parecem ser a fonte de todas as outras tonalidades de vermelho, o azul-real que parece refletir os oceanos do mundo, verdes brilhantes que parecem tomar emprestado a cor das mais finas esmeraldas e emprestar seu lado mais suave a todos os gramados bem cuidados do mundo, e fios de ouro e prata que não apenas *parecem* de ouro e prata, mas que de fato *são* de ouro e prata. Todas essas cores são tecidas em padrões que alguém pensaria terem vindo da mais perfeita mente e do mais perfeito par de mãos. Sempre quis saber como eram feitos. Quem os criava e de que modo?

Eu entrei num prédio e me dirigi a uma pequena sala lateral. Com características típicas indianas, o ambiente deixava muito a desejar, mas o produto final não era menos que uma obra de arte. De modo geral, um homem e seu filho fazem cada sári. O pai se senta numa plataforma mais alta, com grandes carretéis de linhas coloridas brilhantes ao seu alcance. O filho se senta no chão em posição de lótus (com aparente conforto e facilidade que só posso invejar — o primeiro desafio seria ficar nessa posição e o segundo levantar-se). O grupo usa roupas simples e básicas. Seus dedos se movem com agilidade, mas suas mãos jamais tocaram num creme hidratante. Eles se curvam sobre o trabalho e seus olhos se concentram no padrão que surge de cada movimento da lançadeira.

Diante dos meus olhos, apesar de não surgir de imediato, aparece um grande desenho. O pai reúne alguns fios em sua mão, em seguida acena com a cabeça e o filho movimentava a lançadeira de um lado para outro. Mais alguns fios, outro sinal do pai, e mais

uma vez o filho responde, movimentando a lançadeira. O processo parece quase um esforço de Sísifo em sua repetição, o silêncio quebrado poucas vezes por um comentário ou por algum visitante que interrompe para fazer uma pergunta sobre o padrão final. O pai sorri e tenta, num inglês estropiado, explicar a imagem que tem em mente, mas comparada com a magnificência do produto final, sua informação é apenas um balbucio. Sei que, se retornasse algumas semanas mais tarde — em certos casos, alguns meses depois —, veria os carretéis de linha quase vazios e um sári de mais de cinco metros de comprimento, de tirar o fôlego, em todo o seu esplendor.

Durante todo o processo, o filho tinha um trabalho bem mais fácil. É possível que muitas vezes tenha se sentido entediado. Talvez suas costas tenham doído ou suas pernas adormecido. Talvez ele tenha desejado outras oportunidades na vida — algo que achasse mais estimulante ou satisfatório. Ele tem apenas uma tarefa, ou seja, movimentar a lançadeira de acordo com a indicação de seu pai, esperando aprender a pensar como o pai para que possa continuar os negócios no devido tempo.

Já, durante todo o tempo, o desenho permanecia na mente do pai enquanto segurava os fios. Em poucos dias, esse sári seguirá seu caminho para uma loja em Déli, Bombaim ou Calcutá. Uma adorável jovem com sua mãe verá os sáris em exposição. Este irá prender seu olhar e ela exclamará: “*Bohut badiya* [que magnífico]! *Khupsurat* [que beleza]!” Um belo sári, porque um grande tecelão propositalmente assim o desenhou. Não muito depois, ele será enrolado em seu corpo, embelezando a adorável noiva.

Ora, se um tecelão comum pode pegar uma porção de fios coloridos e criar uma vestimenta para embelezar a aparência, não seria possível o Grande Tecelão ter um projeto em mente para *você*, um projeto que lhe adorna, enquanto ele vai usando a sua própria vida para moldá-la segundo o seu propósito, utilizando todos os fios ao seu alcance?

AINDA EM HARMONIA

Uma pequena estrofe de um hino de Isaac Watts ilustra a majestade de Deus, que expressa o modo único para criar cada um de nós:

Nossa vida contém fontes mil,
E morre se uma se esgotar;
Estranho que uma harpa de cordas mil
Mantenha a harmonia por tanto tempo sem parar!³

Ao começar a ver a mão de Deus em sua vida, você saberá que a obra realizada dentro e por meio de você é sob medida, peculiar. O projeto de Deus para a sua vida une cada fio de sua existência numa magnífica obra de arte. Cada fio é importante e possui um propósito específico.

Oro para que, enquanto você lê estas páginas, veja os fios se unindo e saiba que Deus é verdadeiramente o Grande Tecelão de sua vida.

Ravi K. Zacharias